

O CENÁRIO POEIRENTO DA RENUNCIA

*Benedito
Coutinho*



O Senador Edward Kennedy, ao tempo da reunião da CIES em Buenos Aires, percorreu a América do Sul e ouviu das esquerdas do Brasil, em agosto de 1961 um relato da situação.

Os dias de agosto de 61 foram fatais para o sistema nervoso do Presidente Janio Quadros



O Leão do Zodíaco por três vezes presidiu as conturbações brasileiras. E suas garras já dilaceraram tantas páginas da História que, quando sua imagem se desenha no céu, há temores na Terra. O governo JK não conseguiu desfazer da memória de todos as horas de horror de agosto de 1954. E elas eram, no mesmo mês de 1961, revividas em Brasília. Mais uma vez, Carlos Lacerda despertava o felino da constelação zodiacal. Vencedor naquela primeira batalha sem contudo ter sido herói, erguia-se, novamente, no campo de batalha armado para a guerra, sob a influência do mesmo signo.

Como todos nós sabemos — nós que aqui vivemos desde 1960 — o mês de agosto é particularmente seco e agressivo. As queimadas coram de fogo o horizonte do cerrado. Os ventos que cercam o dia de São Bartolomeu se carregam de saturar o céu da fumaça e das cinzas dos campos. Há os que se ressentem. Os nervosos crispam-se em espasmos. Os depressivos rolam em fantasmas góticos poços de desespero. Se isso é verdade, se mais de uma vez todos esses fenômenos foram observados, resta saber o quanto eles influenciaram para que a sensibilidade do presidente Jânio Quadros sucumbisse à agressividade do meio ambiental.

Aqueles primeiros dias do mês transcorreram livres de qualquer borrasca. Céu limpo, boa luminosidade, ventos mansos soprando do quadrante Leste. A superfície do lago da cidade era um doce espelho. Nas suas profundezas, porém, longe dos olhos dos que aqui viviam formavam-se as primeiras bolhas da crise.

O episódio que determinaria o desencadeamento do processo político da renúncia do presidente Jânio Quadros, nasceu da condecoração do Ministro Ernesto "Che" Guevara. Pelo menos, nele se viu a gota d'água faltante para fazer transbordar o cálice.

Ao longo de uma curta mas trepidante carreira política, Jânio mostrou-se

um amante ardente das tempestades. Dele se poderia dizer, com os versos de Baudelaire — "Aime la Tempête et rit de l'archer". A tranquilidade do céu de Brasília, sobretudo à noite, onde a Via Látea transluz como um véu de noiva, contrastava com as erupções interiores do Presidente. Todo homem inclinado à idolatria é um insatisfeito consigo mesmo. Há os que a estes consideram como inimigos da própria imagem.

Lincoln, Nasser e Sukarno, cujos retratos espreitavam-lhe os gestos, inspiravam-no. Os dois últimos, vivos à época, atuantes, insubmissos, forjando a filosofia do não alinhamento, despertavam-lhe a imaginação. A posição do Brasil nos órgãos internacionais e nos seus relacionamentos constituía para o Presidente o primeiro desafio. Para dar expansão aos seus impulsos reformistas, Jânio lançou seus olhos para o exterior. Mas importante do que renovar, era romper com o passado. O caso do "Santa Maria", sequestrado pelo capitão Henrique Galvão, no primeiro dia do quinquênio presidencial, pareceu uma projeção das realidades futuras.

Mais preocupado do que todos, sófregos da sua hegemonia hemisférica, até então tendo no Brasil a sua viga mestra, os norte-americanos pondo o ouvido no chão, captaram vibrações de um tropel misterioso cujo epicentro se encontrava justamente em Brasília.

A solidão de Brasília, por si só angustiante, somava-se aquela que emanava do Poder e que, ao mesmo tempo que atrai, repulsa como uma força poderosa. Jânio era um solitário.

As primeiras nuvens levantaram-se no horizonte nos começos de agosto. Eram elas resultados do acúmulo de pequenos acontecimentos. De fevereiro até aqueles dias, elas se amontoaram. A guinada para a esquerda colocava o Brasil exposto aos olhares do mundo. Os sete meses do pastoreio janista já bastavam para acumular nas baterias

políticas uma carga mortal. O homem vestido de safari, às vezes sorridente, outras taciturno, recebeu no dia 1º de agosto de 1961 a visita de Yuri Gagarin, enquanto recepcionava o presidente Manuel Prado, do Peru.

Gagarin era o herói russo usado como ariete contra as muralhas do isolacionismo anti-russo do Hemisfério; Manuel Prado, ao contrário, um barão do conservadorismo norte-americano. Os dois cruzaram-se na poeira de Brasília. Cada um deles contribuiu para o caldo de cultura onde fermentava a crise janista.

Aliás, na Conferência Internacional Econômica e Social, que se realizou em Montevideu, onde estava "Che" Guevara, os peruanos liderariam exatamente uma orientação anti-Jânio.

Nos dias iniciais do mês, como parte do complexo crítico que então se criou, vamos encontrar o primeiro choque da posição brasileira no exame do comunicado conjunto assinado pelo peruano Prado e pelo presidente Jânio. Na "ordem jurídica interamericana", por ambos aceita, não havia lugar para o fidelismo do chefe brasileiro nem para a tendência que então se criou, de abandonar Formosa e aliar-se comercialmente à República de Mao Tse-Tung. A contradição estava flagrante. As ruminações secretas de Jânio produziram um fermento anti-americano. Diante do quadro que se esboçava, o senador Lima Teixeira, da Bahia, no dia 1º de agosto, já improvisava observações políticas.

Retirando-se o presidente Prado, seu lugar foi ocupado pelo sr. Edward Kennedy, que se fazia acompanhar do Secretário do Tesouro, Douglas Dillon, do prof. Plank, de Harvard e do prof. Lincoln Gordon, que viria a ser, dentro em pouco, o substituto do Embaixador Cabo Lodge.

Por casualidade, encontrava-me no aeroporto, aquele velho barraco de madeira, à noite, quando lá pousou um "Boeing" da USAF. Dele saltaram os

ilustres viajantes, então donos da situação americana. No mesmo instante, por um avião da carreira, embarcava para o Rio o Embaixador Lodge. Cada um liderava um grupo da exiguidade daquele humilde barraco. Kennedy para um lado, o Partido Democrata vitorioso, e Lodge para outro, o republicanismo derrotado de Eisenhower e Nixon. Entreolharam-se como inimigos rancorosos.

O atual senador Edward Kennedy é que pode ser olhado como figura do quadro de crise que se armava naquele momento, sob a inspiração do Jânio, e que aos estímulos da ala esquerda do PTB se inflamava. O chão da Câmara dos Deputados, mais do que o Senado, se transformava numa areia movediça. Nunca em nenhuma fase da política brasileira, o fator ideológico influiu tão diretamente sobre a vida congressual. A Frente Parlamentar Nacional de um lado, a Ação Democrática de João Mendes, do outro. O confronto era diário. Começava, então, a impregnar os espíritos o vago alar das reformas. A reforma agrária era o campo fértil das polémicas.

Ninguém pode até hoje avaliar a importância que teve para o encaminhamento da crise de Jânio o encontro de Edward Kennedy com os deputados que formavam o núcleo nacionalista da Câmara. Amino Afonso (líder do PTB), Temperani Pereira, Sérgio Magalhães, Paiva Muniz, Oswaldo Lima Filho e Bocaíuva da Cunha, cujo apartamento abrigou a reunião. Além de Gordon e Plank, Kennedy levou consigo Hohn Moors Cabot.

Segundo as versões correntes na época, o irmão do presidente dos Estados Unidos quiz com o diálogo travado com aquele grupo avaliar o quadro político brasileiro, escolhendo para tanto uma área nervosa de representantes da Câmara, com inclinações para a esquerda.

O Kennedismo, que emergia com as tintas douradas de uma grande reforma para o anacrônico espírito impe-

rialista americano, tinha os irmãos Edward e Robert como seus homens de observação. Dentro da América, porém, correntes diferentes divergiam quanto à avaliação dos acontecimentos brasileiros. Cambando para a esquerda, estremando um fidelismo àquela altura anátema do panamericanismo, com o seu sucessor eventual jango pelas estradas da China, tornando-se íntimo dos alemães orientais, transformando a rotineira operação de reatamento com a União Soviética num caso pessoal, que desejava Jânio? Para a maioria dos observadores, ele queria botar fogo no circo; E os seus homens mais responsáveis, que pensavam? Havia um silêncio mortal até mesmo no Itamaraty, em cujo subsolo os ossos do Barão se remexiam de preocupação. O Mello Franco de plantão na chefia da diplomacia, não dizia uma palavra. Muitos achavam que o ministro Castro Neves, do Trabalho, "medium" vidente, proprietário do passado, do presente e do futuro, era o oráculo janista.

E tudo isso se passava em Brasília. Era o curso dos dois anos de idade. A criança apenas balbuciava. O Brasília Pálace Hotel se constituía no ponto em torno do qual giravam os acontecimentos. Ainda havia mais barro vermelho, agressivo e penetrante, do que asfalto negro e reluzente. Mas a política fermentava.

O LEÃO SACUDIA A JUBA E RUGIA NO CÉU DE AGOSTO. A cada 24 horas, aumentava o confronto entre o Presidente da República e o Congresso Nacional. Mas somente hoje, recuando no tempo e no espaço, passando e repassando as páginas do "Correio Braziliense", volume de Agosto de 1961, se pode ter uma idéia do que acontecia naqueles dias de estio de ventos constantes e umidade do ar a 13 por cento. Jânio ousava mais a medida que avançavam as horas. O Conselho Superior das Classes Produtoras, no dia 10, dele ouviu as razões do reatamento diplomático do Brasil com a União Soviética. Eram as suas palavras acertadas,

o Brasil precisava diversificar o seu relacionamento internacional. Mas o Presidente em exercício, alheava-se do ancoramento geopolítico brasileiro.

A "Guerra Fria" dominava o mundo. Cada nuvem no céu representava mais uma explosão atômica. Cuba transformava-se num porta-avião soviético ancorado ao largo da Flórida. Toda a estratégia do Atlântico Norte parecia naufragar e ser arrastada pelas correntes do golfo do México. Mas Cuba ia se tornando mais do que o foco da inquietação do confronto russo-americano, na verdade, o estopim curto da guerra atômica.

Os acontecimentos brasileiros, alcançando uma faixa de extremo nervosismo, se aproximavam do seu "climax". O possedista José Maria Alkimim, um dos homens mais bem informados da época, tudo ele sabia, no dia 11 daquele mês, ameaçou "dissecar as verdades" de Jânio da tribuna da Câmara. No dia seguinte, o Presidente, ainda em São Paulo, teve um encontro secreto com o governador Carvalho Pinto. Um detalhe histórico: o Presidente da República se dirigiu para o Palácio Eliseu guiando o seu próprio automóvel, pelas ruas congestionadas da capital paulista. Que teriam conversado os dois velhos amigos, que se promoveram no escalonamento político Alberto sempre atrás de Jânio da Silva, mas sempre um no encaicho do outro.

Para efeito de demonstrar a mudança do eixo da política nacional, fácil observar que o Rio, de repente, deixara de ser centro de deliberações, apesar de está sendo governado pelo domador de Leões, Carlos Lacerda. O Rio, porém, logo recuperaria a sua posição. Uma coisa importante ainda conferia à Velhacop o maior de agir: os Ministérios militares ainda lá se encontravam com os seus titulares. Mas Brasília, de qualquer maneira, jamais perdeu uma posição de relevo. No mínimo, a partir de então, sempre ocupou uma das pontas do triângulo.